

**PALA
VRE
ADO**

Pedro Gargioni

APRESENTAÇÃO

Este portfólio é fruto da minha experiência na disciplina de escrita criativa, ministrada pelo professor Marcio Markendorf, no curso de cinema da Universidade Federal de Santa Catarina.

E foi pela oportunidade de ter feito parte da turma de escrita criativa de 2016 que, não só obtive conhecimento acerca de diversos dispositivos de construção narrativa, como também passei por uma jornada de autoconhecimento, a qual tornou-se possível pela variedade de propostas feitas pelo professor ao longo da disciplina.

Por fim, sinalizo aqui que o conteúdo deste portfólio deve-se pelas propostas feitas em aula pelo professor. Sendo estas propostas principalmente a criação de contos(sendo estes 8 das 10 histórias presentes neste portfólio), e dois roteiros.

SUMÁRIO

Praga.....	4
Embalado à vacuo.....	7
Sem conexão.....	9
Fim de Carreira.....	11
Tradução.....	14
O Velho.....	15
Magoo.....	17
Invasão Militar.....	19
Lucy.....	24
Pedra da Morte.....	26

Praga

Ao sair de férias, Klaus esperava voltar a ser o homem de antigamente. Envolvido por uma crise criativa no alto de seus 43 anos, tendo vivido 20 destes como um criador de best-sellers, o escritor se acostumara ao luxo como um bom alemão ao Strudel. Porém, ao sonegar determinados encargos, Klaus viu-se em uma situação desesperadora: Seu precioso dinheiro, agora poderia acabar.

Pensava em aposentar-se cedo, mas havia de arcar com esta pedra no meio do caminho. Pegou o primeiro avião para Praga, e saiu em uma jornada de redescobrimento do eu-lírico ideal.

Klaus planejava reafirmar-se enquanto artista ao repetir os processos de antigamente. Começava pensando o cenário. Encontrava-se no balcão do bar do hotel onde estava hospedado. Bebia uma dose de martini, enquanto observava o movimento no lobby e fazia anotações em seu pequeno caderno verde, imaginando como dramatizar situações reais de pessoas reais.

“Um senhor e uma senhora conversam, ela está sentada e ele de pé. Em frente há uma mulher lendo um livro, sentada. A senhora está surpresa pelo fato do senhor estar falando com ela, e talvez a mulher seja filha dela. Se o senhor for um tarado, provavelmente a filha a protegeria. Poderia se levantar a qualquer momento”, anotava Klaus.

Por coincidência, ao terminar de escrever a sentença, a mulher que lia o livro perdeu a atenção nas palavras impressas em suas mãos e direcionou seus olhos ao solitário homem com o caderno ao bar. Klaus não conseguiu disfarçar o quão desconcertante havia sido ter recebido aquele olhar e esboçou um sorriso.

Klaus acertava em parte seu palpite. Aquela mulher de olhar sublime havia se levantado, porém não ia em socorro à suposta mãe, mas em direção ao bar.

-Um igual ao dele, por favor – disse a mulher, ao garçom – e quanto a você, eu reconheceria de longe.

-Como é?

-Escritores, munidos de seus pequenos materiais de anotação. Não é difícil reparar, eu juro.

-Tem certeza de que não foi por conta de alguma foto na contracapa de um livro meu?

-Hahaha, você me pegou, “e agora, o que farei? Oh meu caro Richard?”

-Ótima referência, vou contratar você caso planeje alguma leitura dramática de “Noites em claro”.

-Uma grande fã, admito...quem diria encontra-lo por aqui. Está escrevendo? Lembro de ter lido no seu blog algo sobre Praga...é o seu refúgio espiritual ou algo assim?

-Criativo...refúgio criativo. Düsseldorf é ótima, mas Praga tem um charme singular. Sua arquitetura românica é linda e inspiradora, assim como as pessoas. Aliás, qual seu nome?

-Meu nome...

O garçom chega com a bebida.

-Me chamo Norma.

-Um brinde, Norma.

A noite caía e Klaus se interessava cada vez mais por Norma. Encarava seus olhos verdes, os lábios rosados e eventualmente os seios, quando lhe era permitido pela falta de atenção da mulher, dada pela quantidade de álcool que consumiram naquela noite. Efeito este que também decaía sobre Klaus, que não tardou convida-la para subir para o seu quarto.

-Aqui estão alguns dos meus escritos até então.

-Uau, acesso exclusivo aos rascunhos de Klaus Waldmann?

-Hahaha...é coisa simples, ainda nem foi trabalhada.

-“Sozinho na beira da estrada, o velho senhor Schmidt consertava uma das bombas de gasolina de seu posto. Aquela em especial vinha dando problemas à mais de uma semana. Vazava gasolina para todos os

lados, o que era um perigo com aqueles jovens que, bebendo cervejas e tragando cigarros, estacionavam ali perto nos sábados à noite”. Interessante, de onde vêm essas ideias?

-Eu só escrevo o que vejo, o resto imagino... hoje de manhã escrevia sobre um empregado que varria as folhas do terreno do patrão, mais tarde sobre crianças correndo em um parque...minhas últimas anotações foram sobre uma linda mulher loira, a qual visualizava sentada no saguão de um hotel...

Ao ouvir a declaração do escritor, Norma aproximou-se lentamente de Klaus e seus lábios quase se tocaram. Sentir o calor que aquela mulher expirava diante de si foi o bastante para que ele também expusesse seu desejo, ao beija-la. Então os corpos misturaram-se abstratos ao que já foram uma vez. Bocas, braços, pernas e sexos formando uma relação harmoniosa com o deslizar dos lençóis e as roupas ali jogadas pela pressa e pelo desejo.

O misto de sensações marcara Klaus desde a manhã seguinte até o final de sua estadia em Praga, o que lhe permitira escrever mais um romance, daquela vez sobre uma predadora. Uma mulher pela qual muitos se encantavam , poucos a tocavam, e nenhum a dominava.

Embalado à Vácuo

O suor em meu corpo sempre acusa o cansaço de um longo dia de trabalho. Caminhando toda noite eu brilho refletindo a luz dos poucos postes que iluminam a rua vazia dos arredores do meu trabalho.

Ao chegar em casa ainda escuto o resmungo da minha mulher: “vai pro banho, seu porco!” – isso a vida nunca falha em me dar. Já o meu salário, aquela vaca da minha chefe sempre desconta, tem alguém me entregando pra ela, tenho certeza! Não é nenhum grande esquema, apenas sinto fome. Nessa economia, e com aquele salário, eu mereço beslicar a mercadoria de vez em quando, não mereço?

Basta deitar a cabeça no travesseiro pra começar tudo de novo. É um saco acordar com esse maldito rádio relógio, “um dia ainda subo de cargo e compro um despertador decente”, resmungava durante o café da manhã, que obviamente foi o tal do pão seco de sempre, nesse chiqueiro não tem dinheiro pra carne.

Chegando no trabalho, é vestir o avental, empunhar as armas e partir pro abate. Ouvi dizer pelos corredores que hoje tem dois carregamentos inteiros de carne de primeira.

E assim começa mais um dia de serviço, mas se você quer saber, o produto passa por muitos lugares antes de chegar na minha mesa. Tudo se inicia no confinamento, onde os criadores alimentam seus humanos com somente determinado tipo de ração, de lá eles são transferidos aos montes em caminhões ao abatedouro.

Chegando aqui o tratamento já é diferente, onde são separados de acordo com a procedência de cada um, onde ficam vinte e quatro horas de jejum em espaços apertados. Após serem atordoados por um aparelho que golpeia seus crânios, são amarrados um a um pela perna direita em uma espécie de gancho que funciona carregando-os através do abatedouro por um trilho preso no teto. Durante essa fase eles são degolados e tem as cabeças arrancadas, cortesia do galo, único bicho decente nesse negócio. Me poupa um trabalhão, sendo que quando ele falta eu tenho que dar um jeito de me virar. E eu não tenho paciência pra lidar com homem tendo espasmo, me olhando com medo. Às vezes até

acho que eles sabem que vão morrer. Atravesso o cutelo de cima abaixo pelo pescoço.

Eu tenho uma certa dó da criaturinha, não gosto disso. Mas a gente tem que pôr comida na mesa, não é não? Afinal, onde eu vou encontrar alguém que pague uma mixaria maior que essa? Aqui nessa cidade, sem nem o fundamental completo? Sem chance.

O melhor é baixar a cabeça e fazer o meu trabalho. Assim que o humano chega na minha mesa, já decapitado, eu começo os serviços abrindo ele ao meio, retiro os órgão com todo o cuidado do mundo, porque se você fizer a besteira de danificar o intestino grosso, fodeu. Vai infestar toda a carne, que já não bastando o sangue, fica com um cheiro de merda horrível que é difícilimo de tirar na limpeza. Depois disso, eu vou cortando a pele, separando os músculos, removendo os nervos e limpando todo o sangue da carne.

A partir daí é com o pessoal que avalia e embala todo os produtos. Lombo, pernil e peito, embalado à vácuo. Meu favorito.

E parece que a função de hoje enfim vai começar, com licença que já tô ouvindo um que chega berrando. Mais uma falta e esse galo perde o emprego, pelo menos sem ele aqui sei que ninguém vai ver se eu tirar uma casquinha.

Sem Conexão

Ninguém estranhou quando as pontes caíram e a ilha ficou isolada do continente.

Exceto quem estava em cima das pontes.

Tão pouco se importaram quando os motores dos barcos pararam de funcionar. Alguns poucos opiniosos e rebeldes reclamaram no twitter, como sempre. Ninguém notou o imenso silêncio que se estabeleceu, há anos que não usavam a voz para se comunicar, apenas os dedos. Quando a internet caiu aí sim foi um baque. As pessoas aos poucos foram saindo perplexas do seu entorpecimento. Choques e mais choques causados pelos espelhos, há anos que se viam apenas através da camera frontal dos celulares com filtros do instagram. O coração batia rápido. Era preciso tomar providencias não virtuais dessa vez.

O governo cortou gastos, eliminando os guardas que cuidavam da entrada e saída da ponte. Os helicopteros jogavam prisioneiros todas as sextas-feiras no mar.

O abastecimento de energia foi cortado, a internet foi desativada, a ilha parecia estar morta para quem a visse de fora. As pessoas se escondiam em suas casas com medo do que poderia estar lá fora. Um breu estranho se instalou por toda cidade e contaminava os lares por toda rua, deixando as pessoas em estado letárgico de paralisia.

Os resquícios do outro mundo foram se esgotando aos poucos e a comunicação com o outro lado foi cortada sem que ninguém se desse conta. Sem internet, sem notícias sobre a situação do ilhados. Alegaram que a separação aconteceu pela insanidade dos que ali moravam. Lá todos se conversavam sem o auxílio do computador, ninguém curtiava ou compartilhava a publicação dos amigos, todos preferiam a interação em carne e osso. Insanos.

Quando inumeras pessoas deixaram de cruzar as pontes, para o continente a ilha já não existia.

Mas o povo de fato estranhou, quando o continente afundou diante de seus olhos, feito um pequeno barco de pesca com um furo imenso no meio, por onde jorrava água salgada. A porção de terra marrom flutuou oceano adentro em direção ao iceberg. Não foram poucos os ilheus que

pensaram tratar-se de um inusitado passeio turístico patrocinado pelo novo presidente. Até porque todos eram apáticos e cegos. Estranharam somente o grande estrondo que ouviram, que conhecidos e parentes haviam sumido. Porque eles não sabiam é que sumiço se devia a grande tragédia.

Era inverno e a nevoa cobria a ruína das duas grandes e únicas pontes. Crianças não eram autorizadas a irem até lá nesse período que durava três meses. Muitos moradores já não saiam daquele pedaço de terra há anos, gostavam do isolamento e odiavam pessoas de outros lugares. Os mais velhos passavam o dia em suas casas e apenas os mais jovens trabalhavam no interior da ilha, era uma tradição não falar sobre as pessoas que viviam do outro lado da ponte.

Há muito tempo já haviam se tornado obsoletas desde aquela manhã fatídica quando tudo que conseguiam enxergar quando olhavam para aonde as pontes levavam era uma grande espessa massa de nevoa. No fundo, já era um desejo antigo daquela população. Tinham atingido um certo grau de subsistência e não queriam compartilhar-las com os que vinham de fora. A queda das pontes funcionou como uma ruptura natural, evitando assim o belicismo que tal desejo emanava.

Todos prestavam atenção no combate entre helicópteros do exército e o monstro que tentava devastar a cidade. Os moradores já estavam acostumados com ataques de criaturas abissais, mas desta vez era diferente. As quatro últimas criaturas lembravam o famoso Godzila. Este era mais viscoso, parecia um cobra. Alguns expectadores ficaram tão empolgados que compraram até pipoca para ver a épica luta.

Todos foram a favor. A criatura estava matando novamente. Evacuaram a pequena ilha em um dia. Agora estavam a salvo. Ninguém imaginou porém que aquele ser pudesse nadar.

Foi só mais um sharknado que passou por lá.

Texto em grupo por: Bernardo Schmitt, Cassiano Zanon Moscirocki, Gabriela Felipe Bankhardt, Grasielle Martins, Guilherme Grolof Patriota, Jalmir Duan Correia, Jessica Vicente Rosa, Ligia Minchini Pereira, Mateus Mognon dos Santos, Matheus Chacon Junqueira, Matheus Gonçalves Faisting, Pedro Martini Gargioni, Vera Lucia Freitas Silva, Helena Paula Zanin, Rosemeire de Oliveira Caetano.

Fim de Carreira

Em meus primeiros anos de estudante de jornalismo já flertava com a possibilidade de entrar no mundo da produção cinematográfica. Contemplando verdadeiras obras de arte do Cinema Novo, me formei com a forte influência artística e política de grandes diretores, como Rogério Sganzerla, Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha.

Em determinado momento da minha vida, já formado e na dificuldade de conseguir um emprego, vivia de bicos e me recusava a trabalhar em jornais por causa de toda a censura. Aquilo não era jornalismo de verdade. Eu gostava de assistir ao quadro do Glauber Rocha no programa Abertura, da TV Tupi. Porque ele falava qualquer verdade sem medo da repressão. Houve uma edição em especial na qual era divulgado um concurso em que se podia ganhar uma visita ao set de filmagem de Claro, novo filme do diretor. Mas para isso, deveria ser produzido um curta metragem de temática livre que agradasse ao próprio Glauber, além disso, os cinco melhores seriam exibidos durante uma semana na TV. Em rede nacional! Digno de um cineasta de sucesso! Tendo o prêmio em mente, juntei o que tinha de economias e parti para o centro da cidade, na esperança de conseguir comprar uma câmera de filme.

Após muita procura, lá estava eu com uma linda Rolleiflex em mãos. Das antigas, nada desses novos modelos com filmes de 35mm, mas pelo menos era de cinema, de película! Já tinha uma vantagem sobre as milhares de fitas de vídeo que eu sabia que o Glauber ia receber, certeza.

Finalmente com o equipamento em mãos era hora de filmar, mas filmar o que? Se eu saísse na rua fazendo filme político eu ia ser morto, ou ia morrer de fome tentando sobreviver no exterior, na merda do exílio. E romance? Não, já tava bem saturada essa coisa de telenovela, o Glauber não ia gostar de um novo “Bem-Amado” e eu que não ia me vender fácil assim! Foi quando surgiu a ideia de gravar um documentário. Pensa, não precisa de elenco, de figurino nem de maquiagem. Eu já tinha uma câmera na mão, era só colocar uma ideia na cabeça.

Pensa Sebastião, pensa! Passava noites em claro ao lado do radiozinho, debruçado sobre o papel manchado de café, pensando no meu filme com a trilha sonora da programação repetitiva da Antena Um FM, “o que será que será que eu faço com esse documentário?” - pensava. Gostava tanto de vocês, porque me traíam as ideias na hora de pensar esse filme? É hora da Voz do Brasil. Nada agradava.

Após uma dessas noites em claro, decidi sair pra esfriar a cabeça e quem sabe absorver ideias novas. Era fim de tarde quando deixei o apartamento e fui até à padaria, tomar um cafézinho. Me divertia vendo a molecada pra lá e pra cá nessas monaretas, ostentando seus comandos em ação e descendo lombas abaixo naqueles carrinhos. Uma diversão que não me rendeu nada, mas o café continuava impecável.

Já era quase toque de recolher quando retornava para casa e me deparei com uma imensa manifestação em direção à uma movimentada avenida da cidade. “Corajosos” – pensei. Estudantes saíam às ruas em defesa da democracia, e eram derrubados pelas forças militares todos os dias e mesmo assim seguiam firmes. Era um tema tentador, mas perigoso. Valeria à pena arriscar? Se estiver entre os cinco melhores passa na TV! Esses artistas estão vivos porque são famosos. Zé ninguém que some sem deixar rastros!

Hesitei! Passei os dias seguintes pensando em uma temática que não me levaria pra cadeia. Mas não era simples, e o prazo pra filmar ficava mais curto. Acabei dando meu sangue em um filme baseado numa peça do Nelson Rodrigues, o que era moda na época. Se tanta gente fazia é porque dava certo, não é? Coloquei todo o meu esforço e apostei minhas fichas naquela ideia.

No dia da divulgação dos filmes ganhadores, nada de Sebastião, só se falava no tal do Porfírio Diaz, foi triste, o homem havia filmado um documentário intimista sobre os líderes do movimento estudantil - que acabou por ser exibido somente uma vez na televisão -, mas não esteve vivo até o dia da viagem ao set de Claro. Prêmio que ficou para o segundo colocado, aparentemente um Nelson Rodrigues melhor do que o meu.

Fiquei abatido por dias, irritado por não ter sido valorizado e ter gasto uma nota naquela maldita filmadora. Decidi não fazer cinema, nunca mais. Só voltei à sorrir novamente quando recebi uma proposta de

emprego. Aparentemente alguém lá dentro se interessou pelo meu perfil de escritor. Passei bons anos da minha carreira escrevendo para novelas como “A Viagem”, “Meu Rico Português” e “Pecado Rasgado” mas não falo muito sobre isso. Sabe como é, já estamos em 1991, já não trabalho mais com roteiros, nem me aventurei mais no cinema. Hoje eu trabalho em programas de auditório, no momento estou envolvido em um projeto novo, chama-se “Topa Tudo Por Dinheiro”.

Tradução

Apertei a tecla SAP e o cowboy virou cangaceiro.

O Velho

Cuidadosamente embalada pela mãe, em seus lençóis e uma pesada coberta de lã, a pequena Julia está preparada para aguentar uma noite absurdamente fria na serra gaúcha. A mãe mal se despede da filha e a menina já se desfaz de seus caprichos e se coloca na ponta dos pés para alcançar um livro de histórias no alto de uma prateleira, assim como à lanterna estrategicamente colocada ao lado deste.

A menina senta-se na cama e começa a leitura de pequenos contos de folclore aos moldes das conhecidas histórias clássicas. Episódios sobre o Curupira, a Mula Sem Cabeça e o Saci Pererê instigam a curiosidade de Julia.

Do lado de fora da casa, um velho, aparentemente com dificuldade para andar, por portar um imenso saco nos ombros, coloca-se diante da casa de Julia ao avistar uma luz inconstante vinda de uma janela no segundo andar da moradia.

Já iniciava a leitura da lenda do Boi da Cara Preta quando a menina se dá conta de que precisa trocar as pilhas da lanterna que está usando, que apresentam falhas ao piscar incessantemente. Ela então levanta-se da cama e sai com todo o cuidado do quarto, para não acordar a mãe.

O velho entra no terreno e começa a rondar a casa devagar, respirando pesada e profundamente. Ele observa através das frestas das cortinas que revelam o interior da casa, com detalhes que o atçam, como fotos de família, brinquedos.

Julia desce as escadas em direção à sala de estar, procurando pelo controle da televisão, lá estão as pilhas de que precisa. Enquanto isso, o velho a observa através de uma das frestas. E decide abrir, cuidadosamente, uma das janelas. Porém ao adentrar a casa provoca a queda de uma caixa de lenhas, colocada debaixo da janela. A menina não vê nada, mas se assusta com o barulho e se esconde debaixo do sofá no exato momento do estrondo. O velho então, contorna a sala na escuridão rapidamente, driblando a chegada da mãe de Julia, que desce as escadas correndo.

A filha explica a situação para a mãe, que nervosa, não quer nem saber das desculpas da menina. E enquanto Julia esconde o controle da televisão em suas costas ao ouvir o discurso da mãe, o velho sobe as escadas.

Dessa vez Julia é colocada debaixo de mais algumas cobertas, como uma espécie de camisa de força para controlar a “agitação da idade”, segundo a mãe. Porém, ao ser deixada sozinha novamente a menina saca sua lanterna que, agora carregada, revela mais daqueles contos presentes no livro. Ao finalizar o “Boi da Cara Preta” a menina lê o título: “Velho do Saco”, uma história sobre um velho que rapta as crianças que desobedecem às mães.

Mal começando a ler a história, Julia sente um arrepio. Talvez pelo fato de se considerar uma dessas crianças desobedientes, ou por conta das respiração lenta e pesada ao lado do seu ouvido esquerdo.

Magoo

A mãe trabalhava, no turno da noite, em uma empresa de vendas de passagens de ônibus no centro da cidade, o pai havia se ausentado de casa. Justamente para trazê-la de volta para casa ao final do horário de serviço, já de madrugada. Felizmente, Porto Alegre nem sempre fora uma cidade marcada pela violência, não havia qualquer problema no fato de estarmos sozinhos. Eu e meu irmão vivíamos com nossos pais nessa casa na zona sul da cidade.

Recém passava da meia-noite quando eu acordava com um estrondoso som de trovão. Minha reação foi olhar pela janela e esperar pela chuva. “Nada mais relaxante do que dormir sob o som de gotículas”, pensei. Infelizmente o trovão servira apenas como despertador – levemente adiantado, dado que eu deveria acordar umas 5 ou 6 horas mais tarde para ir à escola—, então me levantei e fui enrolado em um cobertor até a cozinha beber um copo d’água.

Ao dar o primeiro gole, de súbito virei o pescoço ao ter quase certeza de ter ouvido algo. Permaneci estático na escuridão, esperando que meus sentidos acusassem algo novamente. “Som de metal?”, me perguntei enquanto caminhava em direção à janela da frente de casa, para descobrir o frágil portão da frente totalmente aberto. “Fodeu”, pensei no equivalente ao vocabulário de dez anos de idade.

Mais uma trovejada e caía a chuva.

Corri para o quarto do meu irmão mais velho. E após eu ser hostilizado por palavras dignas de seus treze anos de idade, nós dois praticamente pulamos ao percebermos um barulho vindo dos fundos de nossa casa, eram sons de latido e alguns grunhidos, nosso cão parecia estar nervoso com alguma coisa.

Espiamos pelo marco da porta da cozinha, que dava para a porta dos fundos, e acompanhamos o incessante movimento da maçaneta.

- Tem alguém tentando entrar! – exclamei, enquanto afundava a cabeça dentro da coberta que carregava.

No exato momento em que ele conseguiu abrir a porta, eu e meu irmão nos escondemos debaixo da toalha da mesa da cozinha. E ficamos observando o invasor. Era um homem em torno de seus trinta anos, usando roupas e luvas pretas, e com uma mordida no braço direito, que sagrava. Nosso cão o havia atacado, estava ofegante. Tomando cuidado para não fazer mais barulho, ele atravessou a cozinha, parecia procurar por objetos de valor.

Na primeira oportunidade eu e meu irmão corremos para o segundo andar. Foi aí que ele percebeu que não estava sozinho, e subiu os degraus atrás de nós quando no alto da escada, sinto que o invasor havia pisado na coberta que eu carregava, fazendo com que ele escorregasse escada abaixo e batesse a cabeça no chão.

Hoje ainda me esforço para entender o que me fez descer as escadas ao ver aquele corpo estirado no chão. As pernas descansando uma sobre a outra, os braços para cima e a cabeça coroada por uma poça de sangue. Morto. Poucando detalhes sobre a reação inicial de meu irmão, o medo tomou conta de nós dois, e havia uma questão em aberto: O que fazer com aquele corpo jogado no chão de nosso porão? Após muita reflexão e das mais ridículas teorias, decidimos por de fato, optar pelo absurdo.

Escondemos o corpo da melhor forma que pudemos, e dali em diante vivemos felizes da melhor forma possível. E Magoo que após ter mordido o invasor de casas, passou a desenvolver um paladar refinado, diante daquela carne que agora recebia diariamente.

Invasão Militar

CENA 1 (INT. QUARTO ESCURO)

Três pessoas conversam dentro de uma sala escura. O líder, JULIO, repassa o plano com os outros membros do grupo.

JULIO

Caras, eu tenho que ser honesto com vocês, esse trabalho não vai ser simples. Aquela casa é muito complicado de ser invadida. E o sistema mais ainda de ser burlado. Preciso saber... todos estão de acordo?

As outras duas pessoas mostram-se relutantes, dando de ombros, ou olhando para os lados.

JULIO

É sério!

FERNANDA

Hahaha, calma Julio, cê sabe que a gente ta junto nessa. O problema é que cê ta levando tudo muito à sério, relaxa um pouco cara.

JULIO

Relaxar? Você fala assim porque já fez isso mil vezes né Fernanda?

FLÁVIO

Ela ta certa mano, cê só precisa ficar calmo, vai dar tudo certo. A gente ficou a noite inteira planejando.

JULIO

Eu só me acalmo quando a gente repassar esse plano mais uma vez.

FLÁVIO

Ok, ok...

JULIO

Retomando, Fernanda: Você é responsável pela nossa entrada no local, já revisou como funciona o sistema de alarme deles?

FERNANDA

Tudo certo, eu abrindo a porta vocês tem 3 minutos lá dentro.

JULIO

Perfeito, e você Flávio, conseguiu o armamento que pedi? Não queremos ser surpreendidos. Vai que o velho tá dentro da casa e nos surpreende.

FLÁVIO

Vou descolar dois revólveres. Qualquer emergência a gente resolve rapidinho.

JULIO

Ótimo, nós dois entramos pela porta dos fundos que a Helen vai deixar aberta, e saímos pela mesma porta. Na rua, a Fernanda vai estar com a caminhonete pronta pra gente partir de lá o mais rápido possível...
Alguma pergunta?

FLÁVIO

Cara... Você tem certeza de que a Helen vai estar junto nessa?

JULIO

Não se preocupa com isso. Eu vou convencer ela facinho...

CENA 2 (INT. QUARTO/DIA)

Julio e Helen conversam no apartamento de Julio, sobre seu plano.

HELEN

Eu não sei amor, você sabe como é perigoso. Se meu pai por acaso te pega, ele não vai pensar duas vezes antes de atirar em você.

JULIO

Por favor, Helen. Você sabe que não da mais pra aguentar os abusos do seu pai... E além disso, imagina se ele descobre que você ta grávida? De um fodido que nem eu ainda? Ele ia te espancar até a morte

HELEN

Eu sei que é perigoso, eu sei... Mas eu não sei mais o que fazer!

JULIO

Eu falei com uma galera lá da quebrada que já fez dessas coisas antes... A gente só entra pra pegar a grana do cofre dele e vai embora. Ninguém se machuca... Só preciso que cê deixe a porta aberta.

HELEN

Não sei...

JULIO

Imagina o que a gente não pode fazer com esse dinheiro? É daqui pra fora do estado... Ou pra fora do país! Cê não quer isso?

Helen, relutante, olha para baixo. Julio a segura pelos ombros e olha em seus olhos.

JULIO

Helen!

HELEN

Tudo bem, tudo bem... Mas por favor, não machuquem o meu pai.

JULIO

Eu te prometo. Ele nem vai estar lá quando entrarmos.

CENA 3 (INT. CASA/ NOITE)

Julio, acompanhado de Flávio aproxima-se da porta detrás da casa do pai de Helen e testa se a maçaneta está mesmo aberta

e a porta de abre.

JULIO

Eu te amo, Helen.

FLÁVIO

O amor faz milagres, meu amigo.

Julio e Flávio recebem a confirmação de Fernanda via rádio de que o alarme está desligado e que podem entrar na casa. Eles seguem para o quarto do velho, onde está guardado o cofre.

JULIO

Fala sério, olha as fotos desse véio, herói de guerra e a porra toda.

FLÁVIO

Ele certamente tem algo de bom guardado naquele cofre

JULIO

Pelo que Helen me falou... Uma bolada...

Quando entram no quarto do ex-coronel, veem Helen sentada no chão, às lágrimas.

HELEN

Desculpa meu amor! Me desculpa! Ele descobriu! Ele descobriu da gravidez! Ele descobriu de tudo! Foge, por favor!

JULIO

O que?

Mal finalizando a sentença, Julio é surpreendido pelo tiro que fez os miolos de Helen espalharem-se pelo chão do quarto todo. Atrás dela surge o Coronel, empunhando uma espingarda.

CORONEL

Foi você quem fez isso! Foi tudo culpa sua! Seu merdinha! Minha filha? Com um lixo como você? E ela

ainda me falando do medo que sentia
de mim, falando que era pra perdoar
ela, pra perdoar você! Filha minha
não é pra cair no papo de bandido
merda que nem você, nem de ninguém!
E ainda tem a audácia de engravidar
a minha menina? Jamais!

Então o Coronel aponta sua arma para Julio, que chora diante
do corpo morto de Helen. Mas leva um tiro de Flávio, antes
que pudesse disparar. O velho cai ao chão.

FLÁVIO

Vambora Julio... Julio? Vamo porra!

JULIO

Caralho Flávio, a culpa é toda
minha! Puta que pariu!

O alarme então finalmente toca e eles são obrigados a
correrem para fora da casa. Os dois correm, mas antes que
pudessem chegar ao carro onde estaria Fernanda, são
surpreendidos pela polícia, e veem Fernanda partindo em
retirada.

FLÁVIO

Cadeia de novo, nunca mais! Pega
essa merda dessa arma que a gente
vai fugir daqui sim!

JULIO

Porra, Flávio! Cê ta louco?

Flávio dispara incessantemente contra o carro da polícia e é
executado com um tiro na cabeça.

JULIO

Caralho! Eu me rendo, eu me rendo!

Um policial se aproxima e algema Julio e o deita no
chão. Dalí ele tem a sua ultima visão da casa do Coronel,
com a polícia entrando para averiguar a situação.

Lucy

Admito que começar a contar uma história não é a parte mais difícil do processo. Talvez esta seja o final, seguida pela criação de personagens, ainda mais quando você tem um contrato com uma editora como a Falcão. É triste ter que acatar todas as ordens, porque você sabe o que era a sua história e no que ela se tornou.

Esta história de ação só se tornou ação por conta da pressão que sofri. Aparentemente o público jovem só se interessaria por um drama entre mãe e filha se a mãe também possuísse uma pistola semi-automática na cintura.

Enfim, minha Lucy tornou-se uma guerrilheira, mas não deixou de ser uma mulher vaidosa. Com uma tiara em seu cabelo, lembrança da filha com quem perdera o contato depois da invasão de sua então moradia pelos mercenários da região norte da cidade. A menina foi levada como troféu, por causa dos mantimentos que as duas não tinham em casa para satisfazer os invasores. Desde então, Lucy jurou passar por cima de qualquer um que tentasse impedir que sua filha voltasse aos seus braços novamente. Promessa que segue até hoje.

Agora no encalço de um grupo que supostamente seria o que levou sua filha, Lucy acompanha de longe suas atividades. Um pelotão adentra uma construção antiga, porém bem vedada com tábuas pregadas nas janelas e guardas rondando seus arredores. A heroína, do alto de um prédio não muito distante, observa através de binóculos, cada um dos guardas ao redor do prédio, marcando um a um, até a hora do anoitecer.

Já é meia-noite quando Lucy decide agir, não sem antes puxar do bolso uma foto de sua filha, a qual observa por alguns segundos antes de ir ao encontro de seus inimigos. Ela desce munida somente de sua pistola equipada de um silenciador, se escondendo nas sombras, e executando um soldado de cada vez com disparos precisos. Sobrando somente um deles vivo, Lucy rende o homem pelas costas, apontando uma arma para sua nuca. Ele fecha os olhos esperando o pior, mas quando ela aperta o gatilho, a arma produz o som de que está vazia. O soldado então tira a arma da própria cabeça puxando Lucy para o chão e socando seu rosto, desacordando-a.

Lucy acorda amarrada à uma cadeira, do outro lado da sala há uma mesa de metal cinza, com sua pistola, sua tiara e a foto de sua filha. Em seguida entra um homem na sala. Ele se apresenta como Luke e conversa com Lucy até que ela revela o motivo de estar ali, enquanto tenta secretamente desvincilhar-se da forte corda amarrada em seus pulsos às suas costas. O homem então coloca um pano em sua cabeça e diz que não pode perdoar o prejuízo de ter cinco homens mortos na mesma noite. Lucy é arrastada pelos corredores da casa naquela cadeira, e quando o pano é retirado de sua cabeça ela tem apenas alguns segundos para despedir-se da filha que, ajoelhada, é executada diante da mãe.

É claro que, neste momento eu sou completamente podado e o clímax não pode ser trágico, e talvez, nem tão gráfico para o público alvo desta editora.

Na verdade, antes de atirar contra a menina, Luke se aproxima de Lucy e a provoca mostrando a foto da filha, pouco antes de rasga-la, e é nesse momento que ela consegue se desamarrar e rapidamente tirar a arma de sua mão. Então, sem hesitar, ela o executa ali mesmo.

Lucy pega a filha pelo braço e ambas seguem para fora do prédio, cuidadosamente, evitando chamar a atenção dos homens no interior do local. Depois de algumas desventuras ao quase serem avistadas pelos inimigo, as duas saem com vida de dentro do local, e vão em direção à um beco próximo, onde são testadas pela última vez, quando o homem que havia desacordado Lucy anteriormente, as surpreende com dois tiros pelas costas, deixando as duas ali no chão de mãos dadas, assistindo o fim uma da outra.

Mas nesse caso, o tiro raspa no braço de Lucy, que imediatamente vira-se e dispara sua pistola pela última vez, acabando com a vida do último homem que enfrentaria naquela noite. E ambas, mãe e filha, seguem pelas ruas escuras até o amanhecer quando acabam-se todos os perigos e elas podem voltar à sua antiga casa.

Hoje, minha Lucy, sua história pode não ser a que foi adaptada neste livro, mas um dia ela vai ser contada da forma certa. E o que me conforta em acatar aos pedidos dessa editora na qual trabalho hoje, é saber que em uma realidade possível, vocês saíram dessa com vida.

Pedra da Morte

CENA 1 (INT. RESTAURANTE/MANHÃ)

Três homens conversam em uma mesa em um restaurante de vidros quebrados e revirados, protegidos por uma barricada na porta de entrada.

FÁBIO

Pelo que eu ouvi por aí, isso só aconteceu por causa daqueles minérios que caíram com aquela chuva de meteoros da semana passada. Foi sorte não ter cruzado com nenhum até agora.

SAMUEL

Se você já tivesse visto um, não ia estar aqui pra contar a história...

BRUNO

Eu ouvi que só de olhar pra eles... Você já era. Vira um daqueles lá fora.

Todos olham para alguns infectados parados no meio da rua em frente do restaurante. ROBERTA chega, vinda da cozinha.

ROBERTA

Vocês acordaram cedo pra ficar falando nessas coisas? Eu preciso de café, não de menos perspectiva de vida.

SAMUEL

Bom dia pra você também...

Roberta sorri para Samuel e observa os infectados, antes de se servir do café colocado em cima da mesa .

ROBERTA

Ainda temos pão?

BRUNO

No armário de cima da cozinha, acho que é o último pacote.

FÁBIO

Inferno... Não dá pra continuar assim, esse é um dos poucos lugares da região que não foi totalmente saqueado... Saindo daqui sobra o que?

SAMUEL

Eu ouvi dizer que na região sul tem uns condomínios fechados que ainda não foram afetados. Com sorte, lá conseguimos abrigo.

FÁBIO

É meio arriscado cara, eu não sei nem se a gente consegue chegar até lá.

ROBERTA

Quem sabe você não relaxa um pouco, Fábio, são nove e meia da manhã, por favor... E você Samuel... Fala um pouco mais desses abrigos...

SAMUEL

São condomínios, aqueles de gente com muita grana, com seguranças e todo tipo de merda de luxo... Se chegarmos lá, podemos pelo menos mendigar por comida.

ROBERTA

Bom... É melhor do que sentar e esperar pra morrer de fome.

CENA 2 (INT. RESTAURANTE/TARDE)

Após 10 dias, os sobreviventes discutem o final dos recursos do restaurante.

BRUNO

Galera, a comida acabou de vez.

SAMUEL

Como assim, você olhou direito?

Samuel agarra Bruno pelos ombros enquanto lhe fala.

ROBERTA

Ei! Não dá uma de louco agora
Samuel, você sabia que a comida
tava pra acabar! Além do mais, a
culpa disso não é do Bruno!

FÁBIO

Claro, vamos fingir que a culpa não
é do gordinho.

ROBERTA

E você cala a boca Fábio, eu tô
cansada desse teu cinismo!

Roberta, Samuel e Fábio batem boca até que Bruno chama a
atenção de todos.

BRUNO

Parou gente! O que a gente menos
precisa agora é começar a brigar! O
fato é que a comida acabou e nós
precisamos ir em busca de mais
recursos, se não vamos morrer de
fome!

FÁBIO

Boa sorte indo lá fora! Vai se
proteger como de uma ameaça que
você nem sabe qual é?

BRUNO

Vamos dar nosso jeito, como demos
até agora...

Roberta se afasta do grupo, em direção à janela e observa os
infectados atentamente.

ROBERTA

Eles são tão esquisitos... Ficam lá
olhando pra palma da própria mão...
Como se vissem um universo tão
interessante que os desconectasse
do que acontece ao seu redor...

Bruno caminha até Roberta.

BRUNO

Você confia em mim? Porque eu acho que posso levar a gente pro lugar que o Samuel falou...

ROBERTA

Eu confio em você, meu irmão...

CENA 3 (INT. RESTAURANTE/NOITE)

Bruno está diante dos outros três, enquanto explica suas estratégias para conseguir chegar aos condomínios

BRUNO

Então, eu acho que se a gente conseguir um barco e formos pelo litoral, temos menos chances de nos encontrar com um dos tais minerais que infectaram todas essas pessoas...

ROBERTA

É claro! Qualquer meteorito que tivesse caído no mar afundaria... Estaríamos seguros!

FÁBIO

Pra variar, saiu algo bom daí...

SAMUEL

Não começa Fábio, já não basta o clima pesado que tivemos hoje. O Bruno ta certo, podemos sair vivos dessa.

BRUNO

Eu acho que temos que partir o quanto antes. Amanhã de manhã seria perfeito. Dormimos bem agora e amanhã podemos sair na madrugada, pra chegar lá na hora do almoço, o que me dizem?

Todos consentem com a cabeça.

CENA 4 (EXT. RUA/MANHÃ)

Já do lado de fora, os sobreviventes caminham rumo ao leste, onde seria o pier mais próximo.

FÁBIO

Porra! Essa hora já tá muito quente, a gente vai desidratar quando o sol estiver lá em cima!

ROBERTA

Para de reclamar e caminha, Fábio. Você não é o único que tá passando perrengue aqui.

BRUNO

O importante é que agora temos um objetivo! Pegar um barco e chegar onde há comida e proteção!

SAMUEL

Se é que vamos encontrar isso lá... Meu medo é não haver mais nada sobrando para nós e nos depararmos com um monte daqueles zumbis pálidos.

Eles chegam ao pier.

BRUNO

Vocês preferem lancha ou iate?

FÁBIO

Gente! Encontrei água nesse barquinho aqui!

Fábio toma um pouco de água morna de um cantil e passa para os outros beberem.

SAMUEL

Meu deus, água nunca foi tão bom!

ROBERTA

Bruno, será que conseguimos ligar alguma dessas lanchas?

BRUNO

O jeito é tentar uma por uma, vamos

nos dividir, que tal?

Todos concordam com Bruno e se espalham pelos barcos.

SAMUEL

Nada aqui.

ROBERTA

Nem aqui!

BRUNO

Gente, acho que consigo fazer esse ligar. Vem cá Samuel, você conhece esse tipo de painel eletrônico?

SAMUEL

Rapaz, se eu não conhecesse poderia trocar meu nome porque não seria o Samuel

ROBERTA

Conseguimos sair daqui com esse?

SAMUEL

Com certeza.

ROBERTA

Ótimo, vamos chamar o Fábio e dar o fora daqui. Em qual barco ele entrou?

SAMUEL

Em qual você acha? Naquele azul grandão logo ali, aquele lá só se preocupa em estar no ar condicionado, mal aguentou meia hora de caminhada até aqui...

ROBERTA

Haha, não é? Vou lá chamar ele.

No que Roberta se aproxima do barco, ela já vê Fábio estático em frente ao mesmo.

ROBERTA

Vamos lá rapaz? Já ta na hora de irmos embora...Fábio?

Ela se aproxima mais e toca Fábio no ombro. Ele não responde e ela começa a balançar-lo.

ROBERTA

Caralho Fábio! Eu não acredito,
você virou uma daquelas coisas!

Ela corre ao ver que ele segura um pedaço da pedra preciosa, enquanto a olha fixamente, sem desviar o olhar, nem responder ao seu toque.

ROBERTA

Gente! O Fábio virou uma
daquelas... daquelas coisas!

BRUNO

O que? Porra!

SAMUEL

Não podemos mais ficar aqui.

ROBERTA

Mas

SAMUEL

Se ele encontrou uma, também
podemos. E não devemos correr esse
risco!

Roberta se abraça à Bruno chorando, e ele olha consentindo o que Samuel falou.

CENA 5 (EXT. MAR ABERTO/DIA)

Já em mar aberto, os sobreviventes Samuel, Bruno e Roberta rumam os grandes condomínios ao sul da cidade.

BRUNO

Ta tudo bem com você?

ROBERTA

Eu só queria entender...

BRUNO

O que?

ROBERTA

Por que diabos essa coisa é tão poderosa?

BRUNO

Você sabe como era o Fábio, ele pode ter achado que era uma pedra preciosa ou algo do gênero...

ROBERTA

Eu não sei Bruno, parecia tão tentador, eu juro que quando vi, foi como se aquele segundo tivesse congelado. Tem algo de especial naquilo que prende a gente...Mas é perigoso demais...

SAMUEL

Desculpem pela intromissão, mas estamos quase chegando, e acho que um desses condomínios tem um pier pra se colocar os barcos.

BRUNO

Obrigado Samuel...

CENA 6 (EXT. CONDOMINIO/FINAL DA TARDE)

Samuel, Roberta e Bruno finalmente chegam ao local onde seriam agraciados com mais recursos e alimentos.

BRUNO

Finalmente cara... Mal posso esperar pra tomar um banho

SAMUEL

Eu quero é comer um rango, estou há tempos demais sem comer direito

ROBERTA

Mas é estranho... Esse lugar tá quieto demais.

BRUNO (GRITANDO)

Olá! Tem alguém aí?

Ninguém responde o grito de bruno

SAMUEL

Ei, acho que tá rolando algum movimento naquela casa vermelha da esquina.

BRUNO

Vamos até lá então.

ROBERTA

Espera gente, eu não sei. Se não responderam a gente pode ser que não queiram a gente aqui...

BRUNO

Olha Roberta, na pior das hipóteses podem é mandar a gente embora. No máximo.

ROBERTA

Mas eu... Deixa pra lá, você deve estar certo

SAMUEL

Não esquentar, a gente vai na frente, te damos cobertura.

Roberta sorri, meio sem jeito e dá de ombros.

BRUNO

Certo, vamos Samuel

Samuel e Bruno vão até a casa na esquina e Roberta fica do lado de fora.

ROBERTA (V.O.)

Eles tão demorando demais, não é possível... Eu vou entrar, eu tenho que entrar. Afinal, qualquer coisa deve ser besteira da minha cabeça.

Roberta então entra na casa e não vê ninguém no sala de estar, então decide subir as escadas.

ROBERTA

Bruno? Bruno? Samuel?

Ela entra em um quarto e percebe um pequeno buraco no teto, e então no chão. Ela decide seguir a localização de onde chegaria este buraco.

ROBERTA

Ai meu deus...

Quando chega à cozinha do térreo da casa, ela vê Samuel, Bruno e mais dois adultos fitando uma pedra do tamanho de uma bola de tênis em cima do balcão de pedra da cozinha.

ROBERTA

Isso...aconteceu...com vocês
também... Eu não...

Roberta tenta se afastar mas é tentada pela pedra.

ROBERTA

Eu vou... Me perder, me
entregar...a força que vem... disso.

Roberta então entrega-se e finalmente descobre o que há de fascinante naquela pedra que de muitos rouba a razão.

FADE TO BLACK